

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC JULIANO SANTIAGO DE MATTOS

A INFLUÊNCIA DAS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO NA ANEXAÇÃO DA CRIMÉIA

PELA RÚSSIA:

Uma visão sob a perspectiva doutrinária da antiga URSS

Rio de Janeiro

2022

CC JULIANO SANTIAGO DE MATTOS

A INFLUÊNCIA DAS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO NA ANEXAÇÃO DA CRIMÉIA

PELA RÚSSIA:

Uma visão sob a perspectiva doutrinária da antiga URSS

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1-FN) Jorge Luís de Araújo Mello

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me permitir ter saúde para desfrutar a vida e a companhia da minha família.

À minha esposa que me acompanha e me apoia em todos os meus projetos, além de cuidar de forma primorosa, especialmente nas minhas ausências, do nosso filho.

Ao meu filho, que apesar da pouca idade, demonstra em pequenos gestos, a minha importância em sua vida, renovando minhas forças, principalmente, nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais pelo amor e apoio incondicional.

Por fim, ao meu orientador, Capitão de Mar e Guerra (RM1-FN) Jorge Luís de Araújo Mello, pelos apontamentos e pela disponibilidade indispensáveis para a elaboração deste trabalho.

RESUMO

O teórico russo Igor Nikolaevich Panarin aduziu, em um dos seus livros, que o colapso da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas foi o resultado de uma guerra de informação perpetrada pelo Ocidente. Assim, ele descreveu as principais teorias sobre guerra de informação que, na sua visão, foram empregadas à época. Nesse contexto, examinaram-se os principais pontos da teoria de Panarin, e as divergências entre a visão dos russos e dos ocidentais acerca do assunto, e identificaram-se os pontos de aderência entre a teoria de guerra de informação e as ações realizadas pela Rússia para a anexação da Península da Criméia, entre 2013 e 2014. Além disso, analisou-se o contexto histórico, para elucidar as causas do conflito, entre outros aspectos, bem como os interesses envolvidos e a anexação da Península da Criméia por tropas russas. Por fim, identificou-se que a guerra de informação conduzida pela Rússia contra a Ucrânia facilitou o progresso das forças especiais russas em território ucraniano, e contribuiu para a efetiva anexação da Península da Criméia.

Palavras-chave: guerra de informação; operações de informação; Criméia; Ucrânia; Rússia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	CONCEITOS TEÓRICOS SOBRE GUERRA DE INFORMAÇÃO	7
2.1	A PERSPECTIVA TEÓRICA RUSSA	7
2.2	A GUERRA DE INFORMAÇÃO DO SÉCULO XX NA PERSPECTIVA RUSSA	13
2.3	DIVERGÊNCIAS ENTRE A VISÃO RUSSA E A OCIDENTAL NO SÉCULO XX	15
3	A ANEXAÇÃO DA CRIMÉIA PELA RÚSSIA	21
3.1	CONTEXTO HISTÓRICO	21
3.2	OS INTERESSES RUSSOS E O PROCESSO DE ANEXAÇÃO DA CRIMÉIA	29
3.3	A INFLUÊNCIA DA GUERRA DE INFORMAÇÃO E OS PONTOS DE ADERÊNCIA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	33
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

O propósito do presente trabalho é identificar os pontos de aderência entre a teoria do russo Igor Nikolaevich Panarin sobre guerra de informação e os acontecimentos que resultaram na anexação da Península da Criméia, pela Rússia, entre 2013 e 2014.

Inicialmente, serão apresentados os conceitos teóricos e a percepção russa sobre a guerra de informação, assim serão citados os conceitos de diretor, organizador, objetivos da guerra de informação, métodos de manipulação e as quatro principais funções da mídia, bem como divergências entre a visão russa e a ocidental, todos essenciais para identificar a aderência nos fatos ocorridos durante a disputa entre a Rússia e a Ucrânia pela Criméia.

Em seguida, o processo de anexação da Península Criméia será abordado mediante a apresentação de três partes. A primeira referente ao contexto histórico, entre 1914 e 2014, a segunda, sobre os interesses russos na região e às ações para concretizar sua anexação, e, por fim, a terceira alusiva à influência da guerra de informação e os possíveis pontos de aderência entre a percepção do teórico russo e os acontecimentos que conduziram a Rússia a anexar a Criméia, sendo esta última, a questão a ser investigada neste trabalho.

Em relação à Ucrânia, após um processo eleitoral conturbado, ocorre a eleição de um presidente pró-ocidente, em 2004, que marca o início da aproximação do Estado ucraniano com a União Européia (UE) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), contrariando os interesses russos na região. Assim, inicia-se uma disputa política que nos próximos dez anos envolve ucranianos, russos e o Ocidente, pelo domínio da influência local, que resulta em manifestações populares na capital da Ucrânia, destituição do presidente eleito em 2010, desta vez, pró-russo, e a conseqüente invasão da Criméia pela Rússia.

Importante destacar que os conceitos aqui abordados, em um primeiro momento, não refletem necessariamente uma teoria praticada pela Rússia, mas a percepção do teórico Igor Panarin sobre a prática ocidental contra a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Sobre o teórico em questão, cabe ressaltar que é cientista político, membro de importantes instituições de ensino na Rússia, e conhecido por afirmar, em um de seus livros, que o colapso da antiga URSS ocorreu devido a uma guerra de informação conduzida pelo Ocidente. Nesse contexto, a relevância deste trabalho reside na possibilidade de identificar indícios de emprego, pelo Estado russo, dos conceitos ostensivos de guerra de informação para atingir objetivos políticos em um conflito no século XXI.

Por fim, o capítulo de considerações finais tratará a resposta ao questionamento sobre a existência de pontos de aderência entre a teoria do russo Igor Nikolaevich Panarin sobre guerra de informação e os acontecimentos que resultaram na anexação da Península da Criméia.

2 CONCEITOS TEÓRICOS SOBRE GUERRA DE INFORMAÇÃO

Neste capítulo, será abordada a teoria descrita por Igor Nikolaevich Panarin sobre guerra de informação na sua obra: “Primeira Guerra Mundial de Informação. O colapso da URSS”¹. Adicionalmente, eventuais divergências entre os conceitos teóricos ocidentais e russos sobre o tópico em questão também serão abordados.

A tradução do idioma russo para o português foi realizada com o auxílio de *site* que pode ter alterado o significado de algumas expressões. As partes traduzidas que não fizeram sentido em português foram suprimidas.

2.1 A PERSPECTIVA TEÓRICA RUSSA

A guerra de informação é definida como o gerenciamento, de forma aberta ou secreta, dos fluxos de informação a fim de atingir resultados específicos (PANARIN, 2010). A sua teoria tem uma longa tradição na Rússia e é derivada da teoria da *spetspropaganda* (propaganda especial), ensinada pela primeira vez, em 1942, no Instituto Militar de Línguas Estrangeiras, também conhecido como o Departamento de Informação Militar e Línguas Estrangeiras da Universidade Militar do Ministério da Defesa da Federação Russa. Nesse local, são treinados especialistas em organização de informações estrangeiras e comunicação militar, análise de informação, monitoramento e desenvolvimento de informação militar. A pesquisa na área de *spetspropaganda* também é ensinada na disciplina de segurança da

¹ PANARIN, Igor. *Первая мировая информационная война. Развал СССР*. São Petersburgo: Peter, 2010. Disponível em: <https://www.klex.ru/9ga>. Acesso em: 20 mar. 2022.

informação ministrada para militares, jornalistas e correspondentes de guerra (DARCZEWSKA, 2014).

O teórico russo a ser estudado neste trabalho é Igor Nikolaevich Panarin, cientista político russo, formado na Academia Político-Militar de Lenin² (PANARIN, 2010), com pós-doutorado em psicologia, membro da Academia de Ciências Militares da Federação Russa³, além de professor da Academia Diplomática do Ministério das Relações Exteriores da Rússia⁴, no Instituto de Relações Internacionais do Estado de Moscou (MGIMO)⁵ e da Academia Presidencial Russa de Economia Nacional e Administração Pública⁶. Panarin iniciou sua carreira profissional, em 1976, na *Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti* (KGB) da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), onde permaneceu até 1991 (DARCZEWSKA, 2014).

Autor de mais de dez livros, afirma que as causas do colapso da ex-URSS em 1991 estão relacionadas à condução sistemática e proposital de uma guerra global de informação perpetrada pelas potências ocidentais contra a ex-URSS (PANARIN, 2010).

Em artigos mais recentes, o teórico russo atribui a Revolução de Veludo na ex-Tchecoslováquia (1989), as Revoluções Coloridas nos antigos estados soviéticos (início dos anos 2000) e a Primavera Árabe (2010–2012) à influência conspiratória estadunidense. Em resposta a essas ameaças, Panarin defende que a Rússia deve realizar uma campanha de guerra de informação com controle centralizado pelo Estado por meio de propaganda,

² No original: “Военно-политическая академия имени В.И. Ленина” (tradução do autor).

³ No original: “Академия военных наук Российской Федерации” (tradução do autor).

⁴ No original: “Дипломатическая академия МИД России” (tradução do autor).

⁵ No original: “Московский государственный институт международных отношений (МГИМО)” (tradução do autor).

⁶ No original: “Дипломатическая академия МИД России” (tradução do autor).

inteligência, manipulação de mídia e operações especiais, com o intuito de influenciar a classe política e as massas (UNITED STATES, 2015).

Panarin também participa ativamente de campanhas publicitárias e de programas de televisão, com conteúdo analítico, nos canais russos *Channel One*, *Rossiya*, *NTV*, *Ren-TV* e *TV RT*. Na estação de rádio conhecida como a Voz da Rússia, ele conduz os programas “Política global” e “A janela para a Rússia”, em que comenta assuntos atuais da política internacional (DARCZEWSKA, 2014).

No livro que investiga as causas do colapso da ex-URSS, o teórico apresenta uma série de conceitos e analisa eventos históricos que teriam sido campanhas de sucesso de guerra de informação conduzidas pelos Estados ocidentais. Os eventos históricos não serão mencionados neste trabalho, porém os conceitos de guerra de informação são descritos a partir de agora, pois podem revelar detalhes da perspectiva russa sobre a guerra de informação.

Da definição de guerra de informação, surgem duas figuras que nela possuem participação ativa. A primeira é descrita como o organizador da guerra de informação que pode ser qualquer pessoa, equipe, empresa ou o até um Estado. A segunda figura de destaque, considerada a mais importante, é o diretor ou o ideólogo, cuja principal tarefa é formular o conceito e o objetivo da guerra de informação, e pode, inclusive, acumular a função de organizador (PANARIN, 2010).

Sobre a figura do diretor, acrescenta-se que os objetivos da guerra de informação formulados por ele podem ser amplos, tais como enfraquecimento de um concorrente, expansão econômica, expansão geopolítica e, até mesmo, a destruição de inimigos. O principal diretor russo foi Josef Stalin, cuja morte é considerada, pelo teórico em questão, fator crucial para a degradação e colapso da ex-URSS. Nesse contexto, é importante ressaltar

que o sistema de apoio de contrainteligência da liderança do partido e a chamada inteligência pessoal de Stalin, que incluía segmentos da antiga inteligência militar da Rússia czarista, em particular, os irmãos do conde Ignatiev, e várias estruturas do serviço de inteligência soviético, foram desmantelados por Nikita Khrushchev, sucessor de Josef Stalin (PANARIN, 2010).

Os mecanismos de condução da guerra de informação, secreta ou aberta, não são fixos, podendo ser destacados o sistema de gestão (controle de estruturas de poder), meios de reprogramação da população (mídia de massa), terrorismo, guerras econômicas, meios de controle econômico, programas financeiros e sufrágio universal (PANARIN, 2010).

Em relação ao sufrágio universal, destaca-se a possibilidade de fraudar as eleições com o intuito de eleger presidentes corruptos para torná-los fiéis executores das instruções russas, seja pelo medo da exposição ou pelo desejo de manutenção de privilégios, vantagens e honras associados ao cargo de presidente, sendo este um típico comportamento de quem almeja o poder (PANARIN, 2010).

Sobre a mídia, deve ser ressaltado o poder que ela possui de influenciar a opinião pública, principalmente, quando é dominada pelo Estado. O teórico russo cita um experimento realizado nos Estados Unidos da América (EUA) que gerou pânico em parte da sua população, quando, por meio de uma transmissão de rádio do romance "A guerra dos mundos"⁷, os ouvintes foram induzidos a acreditar que havia uma invasão extraterrestre em curso no país. Diante da reação da população, o alegado experimento confirmou que com o auxílio da mídia é possível manipular pessoas. Sendo um dos componentes ativos da guerra de informação, a mídia possui quatro funções principais definidas como: a observação do mundo, para a captação e divulgação de informação, a edição, para a seleção e inserção de comentários, a formação da opinião pública e, por fim, a difusão da cultura (PANARIN, 2010).

⁷ Original publicado em 1898.

A estratégia de conduzir uma guerra de informação influenciando propositalmente a opinião pública, pressupõe o conhecimento de determinados aspectos sobre o público que se pretende atingir, além da capacidade de identificação de uma reação, ou seja, uma atitude da elite e da população em relação à informação divulgada com o intuito de ajustar os parâmetros de influência. Relações econômicas, relações familiares e estratificação social, são informações, sobre o público que se pretende atingir, consideradas relevantes para o sucesso do processo de influência, e podem ser obtidas por meio de pesquisas especializadas, inteligência e fontes abertas (PANARIN, 2010).

De forma independente ou por meio de terceiros, uma pessoa comum recebe diariamente uma grande quantidade de informação que é utilizada para formar as próprias convicções. Normalmente, essas informações são difundidas pelos meios de comunicação de massa, porém outros meios podem ser usados, tais como cinemas, teatros e até escolas. É importante ressaltar que as informações divulgadas podem ser verdadeiras ou não, mas ambas fazem parte de um processo chamado modelagem da consciência (PANARIN, 2010).

Outro aspecto de destaque concentra-se no comentário associado a uma informação divulgada, que é classificado como positivo, neutro ou negativo. O comentário deve ser utilizado com a finalidade de variar o impacto na opinião pública. Assim, foram definidos três modelos de manipulação da opinião pública: aberto, neutro e fechado. No primeiro modelo, o comunicador (locutor) se declara abertamente adepto ao ponto de vista declarado. No segundo, o comunicador é enfaticamente neutro e compara pontos de vista conflitantes. No modelo fechado, o comunicador omite seu ponto de vista, podendo recorrer a medidas especiais para escondê-lo (PANARIN, 2010).

Com base nesses três modelos, sempre tendo como alvo a opinião pública, foram identificados três tipos de propaganda: branca, cinza e preta (PANARIN, 2010). Sobre esse

assunto, o teórico não apresenta mais detalhes sobre os tipos de propaganda, portanto, resta inferir que a propaganda branca estaria relacionada ao modelo de manipulação aberto, a cinza, ao modelo neutro e a preta, ao modelo fechado.

A manipulação de informações permite, ainda, formar uma determinada opinião entre os cidadãos de um Estado (alvo), que, por sua vez, poderá se tornar a base e a justificativa para ações militares ou sanções econômicas futuras. Consequentemente, os diretores e organizadores da guerra de informação manipulam a opinião pública, utilizando ativamente os meios de comunicação de massa (mídia). Sobre esse tópico, cabe destacar que, após a análise de fontes estrangeiras e nacionais, verifica-se que há indícios de que os métodos usados pelos diretores para formar a opinião pública por meio da mídia são idênticos em diferentes Estados (PANARIN, 2010).

Ao examinar a perspectiva teórica de Panarin, foi possível identificar certa ênfase na formação da opinião pública com o auxílio dos meios comunicação de massa. Um dos fatores que pode ter contribuído para tal ênfase é o potencial para legitimar o emprego das Forças Armadas que a opinião pública possui. Além disso, a formação acadêmica em psicologia e o baixo custo na divulgação de informações nos meios de comunicação de massa, principalmente, quando comparado ao desenvolvimento de tecnologia dedicada a guerra de informação, também podem ter sua parcela de influência nessa escolha.

A estratégia de aliciar e eleger lideranças políticas, locais e corruptas, tem a capacidade de direcionar os esforços do Estado que se pretende atingir para questões de interesse do Estado que emprega a guerra de informação, devido ao poder e influência que a classe política possui. Uma liderança aparentemente eleita de forma legítima e devidamente cooptada, e que interceda favoravelmente aos interesses do Estado que emprega a guerra de informação, pode evitar que esse Estado também empregue suas forças militares, ou seja, o

Estado atingido, cede, por meio da política, aos interesses do Estado que emprega a guerra de informação. Apesar de ilegal em muitos Estados, a interferência estrangeira nas eleições é um meio pragmático, econômico e com baixo potencial de desgaste com a opinião pública interna, pois não exige explicações sobre gastos militares, perda de vidas etc.

Assim, com o desenvolvimento da mídia no século XX, a guerra da informação tornou-se total, multinível e conduzida em diferentes áreas, características também apontadas como relevantes para o colapso da ex-URSS (PANARIN, 2010). Portanto, esses e outros aspectos da guerra de informação no século XX serão abordados a seguir.

2.2 A GUERRA DE INFORMAÇÃO DO SÉCULO XX NA PERSPECTIVA RUSSA

No século XX, o principal alvo da guerra de informação passa a ser o sistema de tomada de decisão do lado oposto, conseqüentemente a tarefa de maior relevância de um diretor é organizar a manipulação do processo de tomada de decisão do inimigo. Além disso, a opinião pública também surge como objeto de proteção e influência durante a guerra de informação (PANARIN, 2010). Nesse contexto, outro conceito emerge no livro do teórico russo Igor N. Panarin (b. 1958):

A guerra de informação é a luta dos diretores, que é o uso de todas as oportunidades disponíveis para introduzir os comentários necessários na esfera de controle do lado oposto. No entanto, quando uma guerra de informação ampla é travada por um Estado contra outro, em um esforço para violar o equilíbrio de poder internacional e ganhar superioridade no espaço de informação global, já devemos falar sobre a guerra de informação geopolítica (PANARIN, 2010, p. 14, tradução do autor)⁸.

⁸ No original: *“Информационная война — борьба режиссеров, представляющая собой использование всех имеющихся возможностей для внедрения необходимых комментариев в сферу управления противостоящей стороны. Однако когда массированную информационную войну ведет одно государство против другого в стремлении нарушить международный баланс сил и завоевать превосходство в мировом информационном пространстве, нужно уже говорить о геополитической информационной войне”*.

A Guerra Fria (1947-1991) foi uma disputa de poder, que durou em torno de cinquenta anos, centrada em dois Estados, Estados Unidos da América (EUA) e ex-URSS, protagonistas do sistema internacional, pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Durante esse período, segundo a perspectiva russa, a guerra de informação contra a ex-URSS foi travada no sentido amplo, ou seja, envolvendo todas as expressões do poder nacional definidas como: política, diplomática, financeira e econômica, e militar (PANARIN, 2010). Nesse contexto, é possível classificar a guerra de informação ocorrida no período da Guerra Fria como uma guerra de informação geopolítica.

Ainda no campo das definições, destacam-se os três níveis da guerra de informação descritos como estratégico, operacional e tático. O nível estratégico está relacionado à atuação dos diretores ou ideólogos, assim como o nível operacional, porém acrescido da participação do organizador. Já o nível tático está relacionado à atuação dos comandantes militares (PANARIN, 2010).

Com efeito, a guerra de informação ainda possui três componentes descritos como a análise política estratégica, impacto da informação e defesa da informação. O primeiro componente é definido como é uma atividade de coleta, processamento e troca de informações sobre oponentes e aliados para realizar operações ativas. O segundo está relacionado à introdução de comentários negativos e desinformação⁹ no campo de informação do inimigo, bem como a supressão das tentativas do inimigo de obter as informações de que precisa. Por fim, a defesa da informação consiste no ato de bloquear a desinformação disseminada e introduzida pelo inimigo (PANARIN, 2010).

⁹ Informação comprovadamente falsa ou enganadora para obter vantagens econômicas ou para enganar o público (CODE..., 2018).

Na perspectiva russa, os fundamentos da teoria da guerra de informação apresentados até agora são importantes para entender os mecanismos secretos usados para colapsar a ex-URSS em 1991 (PANARIN, 2010).

Relativamente aos conceitos abordados nessa seção, cabe destaque que a importância do diretor foi mais uma vez citada. Além disso, o alvo da guerra de informação foi claramente definido como sendo o processo de tomada de decisão do inimigo.

A intenção de manipular a opinião pública também permanece presente, porém acrescida da necessidade de se proteger a própria população da influência inimiga. Nesse caso, essa necessidade de proteger as informações da sua população pode ser usada como justificativa para aumentar a influência do Estado na vida do cidadão comum, por meio do cerceamento de liberdades individuais. Como essas liberdades são valorizadas na maior parte dos Estados ocidentais, proteger a própria população da influência inimiga pode não ser simples.

Uma semelhança entre a teoria de guerra de informação russa e Ocidental, reside no conceito de defender a própria informação ao mesmo tempo em que afeta as informações do adversário (THOMAS, 1998).

Por fim, apresentados os principais conceitos sobre a guerra de informação sob a perspectiva teórica russa faz-se necessário identificar eventuais diferenças com a visão ocidental que será conduzida na próxima seção.

2.3 DIVERGÊNCIAS ENTRE A VISÃO RUSSA E A OCIDENTAL NO SÉCULO XX

A abordagem russa sobre guerra da informação possui vários elementos que a torna única e diferente. Existem quatro principais razões para o método de guerra de informação russo ser distinto da visão do Ocidente (THOMAS, 1998).

A primeira delas está relacionada ao contexto geral russo, pois a instabilidade institucional, econômica e ideológica vivenciada pela sociedade russa, principalmente, com o colapso da ex-URSS, a tornou vulnerável à manipulação de massa por meio de propagandas e promessas de prosperidade econômica e social. Assim sendo, há uma ênfase da guerra de informação russa no componente psicológicos relacionados à informação, assim como na elaboração de leis para garantir a segurança das informações dos indivíduos e da sociedade (THOMAS, 1998).

Em relação ao componente psicológico, esse é um dos aspectos mais negligenciado pelo Ocidente que tende a manter sua análise restrita ao pessoal envolvido em operações psicológicas. Por outro lado, os cientistas militares russos vêm estudando não apenas a capacidade de guerra de informação de afetar os valores, emoções e crenças do público que se pretende atingir, mas também os métodos para afetar o raciocínio dos soldados. Assim, o que se extrai é que a Rússia está interessada em determinar como afetar a capacidade de processamento da mente humana (KUEHL, 2004).

Uma segunda razão para que o método de guerra de informação da Rússia seja distinto do ocidental, reside na forma como o pensamento militar russo é desenvolvido. Nesse contexto, aspectos econômicos e geográficos, bem diferentes dos ocidentais, contribuem para essa distinção de pensamento. Além disso, há maior ênfase na Rússia em tratar o estudo de assuntos militares como ciência. Assim, as diferenças existentes na forma de avaliar o

impacto das operações que envolvem o emprego da informação como arma, são um mero reflexo do distinto pensamento militar desenvolvido por russos e ocidentais (THOMAS, 1998).

Em terceiro lugar, a abordagem russa da guerra de informação também sofre influência das restrições de orçamento, tecnologia e infraestrutura. Um exemplo concreto de restrições de infraestrutura é o sistema telefônico russo que era atrasado e obsoleto para os padrões da época. Nesse contexto, ainda havia severas restrições orçamentárias para o desenvolvimento de novas tecnologias e aprimoramento dos equipamentos de guerra de informação, entre outras dificuldades (THOMAS, 1998).

Por fim, outra distinção importante é que apenas especialistas em guerra de informação escrevem abertamente sobre o tema em revistas militares russas, em contraste com as centenas de autores que publicam no Ocidente (THOMAS, 1998).

Além das quatro principais razões acima mencionadas, existem, ainda, outras características que cabem destaque neste trabalho, pois enriquecem o panorama da guerra de informação sob a perspectiva teórica russa.

A guerra de informação geopolítica tem sido usada pela Rússia com propósitos internos e externos. O interno serve para mobilizar a sociedade, e o externo para reconstruir a esfera de influência russa na era pós-soviética e a dominância da Rússia na Eurásia. Além disso, a guerra de informação geopolítica fornece a sustentação ideológica para o antagonismo entre a civilização eurásiana russa e a civilização ocidental liderada pelos EUA, e que pretende desmontar o Estado russo para obter a hegemonia global (DARCZEWSKA, 2014).

Nesse contexto, destaca-se que a opinião pública do Ocidente é mais resistente a propaganda russa, que, por essa razão, é aperfeiçoada constantemente, e contam com iniciativas russas, no campo da guerra de informação, de forma intensa (DARCZEWSKA, 2014).

A cultura política presente no tecido social russo enfatiza a necessidade de um líder forte para se defender de uma ameaça externa. Ao contrário da tradição ocidental, essa preferência pela autoridade suplanta a importância de uma imprensa imparcial, sendo o objetivo principal dessa autoridade política apenas controlar e não informar. Dessa forma, surge o termo *dvoemyslie* definido como um mecanismo psicológico dentro da estrutura social russa que permite o apoio popular a uma autoridade estatal forte e legítima, ao mesmo tempo em que tolera a disseminação de informações enganosas. Outra tendência cognitiva russa relacionada à *dvoemyslie* é o *vranyo*, que significa “mentira branca”. De forma diversa ao termo *lozh* ou inverdades, *vranyo* é uma ligeira distorção da verdade, altamente plausível e fundamentada na realidade (ANDERSON, 2018).

Esta visão instrumental da informação facilita o desenvolvimento de uma tradição russa onde os fatos são distorcidos para aumentar a autoridade do governante. A sociedade tende a aceitar a distorção da verdade como um artifício necessário para se obter segurança. Na Rússia pós-soviética, inclusive, essa tendência permaneceu inalterada (ANDERSON, 2018).

É válido, ainda, destacar que o pensamento russo na era soviética considera que a expansão do poder estatal, além de aumentar a segurança e a estabilidade para o povo russo, legitima a desinformação como uma ferramenta de política externa (ANDERSON, 2018).

Sobre os conceitos teóricos da guerra de informação, ressalta-se que as definições russas são mais amplas e abrangem a segurança da informação em tempo de paz e tempo de guerra, enquanto as ocidentais apenas em tempo de crise ou conflito (THOMAS, 1998).

Em tempo de paz, o termo guerra de informação refere-se a segurança de informação do governo e da sociedade, principalmente, nos aspectos psicológicos, culturais e científicos. Entretanto, secretamente a guerra de informação é conduzida por meio da

política, inteligência e ações psicológicas, contra as forças armadas, população civil e sistemas de gerenciamento de pesquisa, produção e cultura (THOMAS, 1998).

Já, em tempo de guerra, o termo guerra de informação refere-se à obtenção da superioridade na proteção da informação do lado russo e no uso de sistemas supressores de comando e controle e reconhecimento do inimigo (THOMAS, 1998).

Nesse contexto, o que se extrai é que a guerra de informação é empregada pelos russos para reduzir os recursos de informação do inimigo antes de iniciar as ações de combate, salientando-se que, nem sempre, são identificadas e conhecidas as suas consequências no inimigo (THOMAS, 1998).

Além de tais pontos, as diferenças no idioma também contribuem para a proliferação de termos aparentemente distintos, no que concerne à guerra de informação. Os russos possuem dificuldade para encontrar um termo preciso para definir tal conceito para o público ocidental, utilizando, portanto, diferentes expressões para descrevê-lo, tais como guerra (*voyna*) de informação, luta (*borba*) de informação e confronto (*protivoborstvo*) de informação, que, entretanto, possuem o mesmo significado (THOMAS, 1998). Cumpre destacar, que o termo estadunidense similar ao termo guerra de informação, na concepção russa, é frequentemente empregado como operações de informação (ANDERSON, 2018).

Conforme mencionado anteriormente, a perspectiva teórica russa abordada neste trabalho baseia-se na narrativa que seu desenvolvimento ocorreu devido à necessidade de se opor as iniciativas do Ocidente no campo da guerra de informação. Entretanto, a teoria aparentemente remete-se as técnicas de influência da opinião pública testadas e usadas durante toda a existência da ex-URSS. Ademais, a rivalidade entre Rússia e o Ocidente é produto da guerra de informação geopolítica, desenvolvida desde os anos 1990, que buscava

políticas de fortalecimento do Estado e a construção de bases científicas, organizacionais, midiáticas, diplomáticas e sociais (DARCZEWSKA, 2014).

Por fim, destaca-se que o fato de apenas especialistas em guerra de informação escreverem sobre o assunto pode estar relacionado a um forte controle estatal sobre o conteúdo divulgado, e, assim, o Ocidente só possui conhecimento daquelas informações que o Estado russo deseja divulgar. Por isso, é possível que parte do conteúdo teórico abordado neste trabalho não corresponda ao que é efetivamente praticado pela Rússia.

No próximo capítulo, a anexação da Criméia será abordada pelo seu contexto histórico e pelas ações executadas pela Rússia com especial atenção aquelas relacionadas à guerra de informação.

3 A ANEXAÇÃO DA CRIMÉIA PELA RÚSSIA

Neste capítulo, será abordado o processo de anexação da Península Criméia pela Rússia, cuja apresentação será dividida em duas partes. A primeira alusiva ao contexto histórico e, a segunda, às ações para a efetiva anexação. Ambas terão o intuito de elucidar se a teoria de Igor Nikolaevich Panarin sobre guerra de informação teria aderência às ações realizadas pela Rússia para a anexação da Criméia nos anos de 2013 e 2014.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO

A Primeira Guerra Mundial, iniciada em 1914, transforma a Ucrânia, ainda dominada pelo Império russo, em um campo de batalha entre a Áustria-Hungria, a Alemanha e o próprio Império Russo. Em 1917, com a proximidade do final da guerra, a monarquia russa entra em colapso, e, assim, despontam as condições iniciais necessárias para o surgimento do Estado Ucrâniano, cujo processo foi liderado por membros do partido revolucionário da Ucrânia (PLOKHY, 2015).

A partir de 1920, a influência soviética se expande pela Ucrânia, e, uma vez consolidado o controle pela ex-URSS, são introduzidas no Estado profundas mudanças, tais como industrialização em larga escala, coletivização e revoluções cultural e política, todas destinadas à transformação comunista completa da economia e da sociedade ucraniana (PLOKHY, 2015). Nesse contexto, vale mencionar que a coletivização também representa para os camponeses ucranianos uma expressiva perda de liberdades individuais, uma vez que não detinham mais poder de decisão sobre suas colheitas, cultivo, e venda de suas produções, e

ainda, precisam de autorização dos representantes locais do poder soviético para trabalhar fora da aldeia que moram. Além disso, não há mais salários, apenas um pagamento diário que muitas vezes é recebido em forma de grãos, batatas ou outros produtos agrícolas destinados apenas à subsistência (APPLEBAUM, 2017).

O processo de coletivização logo se mostra fracassado e a situação de várias aldeias na província de *Odessa*, por exemplo, atinge níveis alarmantes, fazendo com que os líderes soviéticos no distrito de *Zynovivskyi* enviem uma equipe médica para investigar. A equipe é surpreendida, ao encontrar, por exemplo, metade dos habitantes da aldeia de *Kozyrivka* mortos pela fome (APPLEBAUM, 2017).

Com o intuito de manter a produção e as exportações de grãos provenientes da Ucrânia, que se declinam em razão do insucesso da coletivização, Josef Stalin, líder da ex-URSS, determina o confisco de tratores e outros equipamentos agrícolas, suspende o envio de grãos para o consumo interno e proíbe o desvio daqueles destinados à exportação para auxiliar as regiões mais atingidas pela fome na Ucrânia (APPLEBAUM, 2017). O resultado é que, entre 1932 e 1933, aproximadamente, quatro milhões de ucranianos morrem de fome (PLOKHY, 2015). É possível que esse período tenha marcado profundamente a sociedade ucraniana, bem como reduzido significativamente a sua capacidade de resistir ao domínio da ex-URSS pelos anos vindouros.

Em 1941, pouco depois do início da Segunda Guerra Mundial, o território ucraniano, parte integrante da ex-URSS, é invadido e quase sua totalidade é conquistada pela Alemanha nazista (APPLEBAUM, 2017). A invasão é iniciada em uma frente que se estende do Mar Báltico, ao norte, até o Mar Negro, ao sul, com tropas alemãs e aliadas, incluindo romenos e húngaros, que totalizam três milhões e oitocentos mil soldados. Na ocasião, a aviação germânica teve papel relevante ao obter o controle do espaço aéreo, pois consegue

surpreender os soviéticos e destruir a maior parte da sua aviação ainda em terra (PLOKHY, 2015).

Durante a ofensiva alemã, muitos ucranianos aclamam as tropas nazistas, acreditando no fim da opressão desencadeada pelas autoridades soviéticas nos anos que antecederam a guerra. Entretanto, essa expectativa se mostra incorreta, pois os nazistas implementam sua política ideológica racial contra os judeus na Ucrânia, e exploram toda e qualquer forma de recurso econômico do território recém conquistado. Nesse contexto, uma das primeiras experiências frustrantes com o regime nazista ocorre com a Organização Nacionalista Ucraniana¹⁰ (OUN), cujo líder Stepan Bandera fez um acordo com o intuito de formar dois batalhões de operações especiais para apoiar a invasão alemã. A OUN visa proclamar a independência da Ucrânia, porém os nazistas, com intenções distintas, em um determinado momento, tornam os membros da OUN de aliados a inimigos, e iniciam uma onda de prisões e assassinatos daqueles ligados à organização ucraniana (PLOKHY, 2015).

O líder alemão Adolf Hitler também planeja transformar a Ucrânia em uma vasta área de agricultura, usando parte da população local como força de trabalho escrava. Outrossim, as autoridades alemãs abolem a escolaridade para além do básico, negligenciam cuidados médicos e bloqueiam a entrega de alimentos para as principais cidades ucranianas (YEKELCHYK, 2020). Nesse período, os alemães repetem as práticas soviéticas de extermínio em massa, inicialmente, levando a população local à inanição, minando, assim, a sua capacidade de resistir e se contrapor ao invasor germânico, ocasionando, conseqüentemente, a morte de milhares de pessoas.

A Ucrânia permanece ocupada pelos alemães até 1944, quando o exército vermelho da ex-URSS retoma o território perdido, entretanto, encontra um cenário bastante

¹⁰ No original: “*Організація українських націоналістів*” (tradução do autor).

distinto daquele antes da ocupação germânica, com cidades vazias e seu complexo industrial completamente destruído (YEKELCHYK, 2020).

Em 1945, a Segunda Guerra Mundial termina e as perdas totais da população civil da Ucrânia, incluindo as vítimas do Holocausto, são estimadas em 5 milhões de pessoas (YEKELCHYK, 2020).

Em fevereiro de 1954, assume como sucessor de Josef Stalin, morto no ano anterior, Nikita Khrushchev, que inicia uma série de mudanças, entre elas, a transferência da Criméia, até então pertencente à Rússia Soviética, para a República Soviética da Ucrânia. Naquele contexto, havia dois motivos principais para essa transferência. O primeiro, relativo a uma possível melhoria na eficiência administrativa, pois a Criméia não faz fronteira com Rússia, mas fazia com a Ucrânia, e ao fato de a região ainda ser dependente em eletricidade e água fresca também da Ucrânia. O segundo, pode estar fundamentado em interesses diretos de Nikita Khrushchev, cuja carreira política iniciou-se na Ucrânia soviética, que considera a região a sua base de apoio político, e procura agradar as lideranças locais, promovendo-as a importantes cargos em Moscou (YEKELCHYK, 2020).

Em razão da transferência, a Península é beneficiada pelos investimentos e expertise providos pelo governo ucraniano. A produção de vinho na Criméia dobra, entre 1953 e 1956, e a produção de eletricidade aumenta em 60%, mas o principal benefício é a construção do Canal da Criméia do Norte que possibilita levar a água do rio Dnieper para a Península e irrigar mais de seis mil quilômetros quadrados de terras agricultáveis (PLOKHY, 2015).

Após 1954, as lideranças soviéticas passam a usar as estruturas partidárias para colocar cada vez mais a Criméia sob administração da Ucrânia, porém, nunca legalizaram efetivamente a transferência. Na época, isso parece insignificante, mas com o colapso da ex-

URSS, em 1991, esse detalhe contribui para o surgimento de tensões entre a Rússia e a Ucrânia nos anos seguintes (YEKELCHYK, 2020).

Em 1964, Nikita Khrushchev é removido do poder e substituído por Leonid Brezhnev, que inicia um período de renascimento do comunismo, pois retoma parcialmente as práticas soviéticas da época de Stalin, tais como centralização econômica e intolerância a qualquer forma de oposição (PLOKHY, 2015). Por conseguinte, a década de 1970 é marcada pela estagnação econômica e os crescentes problemas sociais (PLOKHY, 2015).

A morte inesperada de Leonid Brezhnev, em 1982, resulta em um processo de trocas sucessivas no comando da ex-URSS. Inicialmente, assume Yuri Andropov, morto em 1984, e, em seguida, assume Konstantin Chernenko, que também morre pouco tempo depois, em 1985. No mesmo ano, chega ao poder Mikhail Gorbachev com o desafio de introduzir reformas para melhorar o sistema político e econômico soviético. Entretanto, as reformas falham e a ex-URSS colapsa em 1991. Em seguida, a Ucrânia declara a sua independência (PLOKHY, 2015).

Até esse momento, a Ucrânia é considerada a segunda República Soviética mais populosa e de maior importância econômica, perdendo apenas para a Rússia. Assim, ao declarar independência e tentar se aproximar do Ocidente, com o fim da ex-URSS, a Ucrânia passa a ser peça chave para os EUA, já que, sendo ela independente, a Rússia teria dificuldades em controlar o Centro-Leste Europeu aos moldes do controle que exercia na era soviética (YEKELCHYK, 2020).

Contudo, como a Ucrânia herda da ex-URSS o terceiro maior arsenal nuclear do mundo, sobre o qual não tinha controle operacional, antes de iniciar uma aproximação mais concreta com o Estado, os EUA e outras grandes potências nucleares, passam a pressioná-la para a assinatura de um acordo de devolução destas armas à Rússia, a fim de ser

desmantelado. Assim, em 1994, EUA, Reino Unido e Rússia assinam o Memorando de Budapeste, que garante a segurança e a integridade territorial da Ucrânia em troca da entrega do arsenal nuclear aos russos. No final da década de 1990, a Ucrânia se torna um dos principais destinos de ajuda financeira dos EUA (YEKELCHYK, 2020).

Em relação a outros importantes acordos assinados entre russos e ucranianos, vale destacar que, em 1997, os dois Estados assinam um conjunto deles para permitir a permanência da Esquadra russa do Mar Negro, com mais de trezentos navios e vinte e cinco mil militares, na Base Naval de Sebastopol, até 2017. Além disso, em contrapartida, a Rússia reconhece a soberania da Ucrânia sobre a Península da Criméia (PLOKHY, 2015).

Em 2004, os dois principais nomes da política ucraniana, Viktor Yushchenko, pró-ocidente, e Viktor Yanukovych, pró-Rússia, se enfrentam nas eleições presidenciais. No início de setembro de 2004, Yushchenko liderava as pesquisas de voto para presidente quando é envenenado com uma substância chamada dioxina¹¹, não utilizada na Ucrânia, porém encontrada na Rússia, e em outros Estados. Os corretos diagnóstico e tratamento médicos salvam Yushchenko, que, mesmo com o rosto desfigurado pelo envenenamento, prossegue na disputa eleitoral, ganhando mais apoio popular. O candidato pró-ocidente permanece a frente nas pesquisas até o final da votação, porém, o anúncio do resultado das urnas surpreende os ucranianos. O candidato pró-Rússia, Yanukovych, vence (PLOKHY, 2015).

Durante o crescente questionamento popular sobre o resultado das eleições, escutas telefônicas clandestinas são divulgadas, indicando que membros do comitê eleitoral de Yanukovych tiveram acesso aos servidores da Comissão Central Eleitoral e adulteraram o resultado das eleições. Assim, uma série de protestos surge na capital ucraniana, *Kyiv*,

¹¹ Dioxina é o nome de uma família de compostos químicos autorizada para uso na fabricação de pesticidas e outros setores industriais. É capaz de causar câncer e afetar nossos sistemas hormonal, imune e reprodutivo (ALLEN, 2004).

conhecidos como Revolução Laranja¹², devido à fraude no processo eleitoral, corrupção e em razão da percepção de interferência russa na política ucraniana (APPLEBAUM, 2017). Por outro lado, como punição pela Revolução Laranja, a estatal russa Gazprom quase quintuplica o preço do gás para Ucrânia (YEKELCHYK, 2020).

Em dezembro de 2004, são realizadas novas eleições com a presença de doze mil observadores internacionais e trezentos mil observadores ucranianos. Ao final da apuração, o candidato Yushchenko, pró-ocidente, vence e toma posse em janeiro de 2005 (YEKELCHYK, 2020), tornando-se o primeiro presidente eleito da Ucrânia sem conexões com o Partido Comunista russo (APPLEBAUM, 2017). Sob a administração do presidente Viktor Yushchenko, a Ucrânia inicia negociações com a União Europeia sobre uma possível associação ao bloco, com a respectiva criação de uma zona de livre comércio e a concessão de vistos para cidadãos ucranianos. Além disso, entre 2008 e 2009, a Ucrânia manifesta formalmente sua intenção de integrar a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (PLOKHY, 2015).

Em 2010, novas eleições na Ucrânia levam ao poder o candidato pró-Rússia, Yanukovich, que aos poucos, após as eleições fraudadas de 2004, recupera apoio popular devido à sucessão de escândalos de corrupção no governo Yushchenko. No mesmo ano, a Rússia assina um acordo com a administração de Yanukovich para estender, até 2042, o arrendamento das instalações da Base Naval em Sebastopol, em troca de descontos no preço do gás, o que, todavia, dá ensejo a diversos protestos públicos na Ucrânia. Após a anexação da Criméia pela Rússia, em 2014, o parlamento russo encerra o acordo unilateralmente (YEKELCHYK, 2020).

¹² Manifestação popular, cujos líderes demandavam do governo local democracia e transparência, ocorrida na praça principal de *Kyiv*, a praça *Maidan* (YEKELCHYK, 2020).

Em 2013, o presidente Yanukovich já controla a mídia, as forças policiais e as forças armadas do Estado (YEKELCHYK, 2020), concentrando poder suficiente para intimidar e silenciar opositores (PLOKHY, 2015).

Ainda em 2013, a Rússia inicia uma guerra comercial com a Ucrânia para pressionar o presidente em exercício a não assinar um acordo com a União Européia (PLOKHY, 2015). Assim, em novembro, Yanukovich cede às pressões russas, mas enfrenta uma série de manifestações populares, conhecidas por *Euromaidan*¹³, que se iniciam na capital ucraniana. (YEKELCHYK, 2020). Nesse momento, o grupo *hacker*¹⁴ pró-russo *CyberBerkut* realiza ataques contra importantes *websites* governamentais ucranianos com o intuito de alterar ou destruir seu conteúdo, marcando o início de uma campanha de desinformação contra a Ucrânia (ABBOTT, 2016).

Em fevereiro de 2014, Yanukovich busca asilo na Rússia e é destituído do cargo pelo Parlamento ucraniano, devido à escalada da violência dos protestos (YEKELCHYK, 2020). Enquanto isso, a Rússia inicia uma ofensiva contra a Ucrânia e anexa a Península da Criméia (PLOKHY, 2015).

Um aspecto importante a mencionar é que a fraude das eleições ucranianas, em 2004, coaduna com as ideias defendidas por Igor Panarin. No segundo capítulo, referente à teoria de guerra de informação, há menção explícita sobre a possibilidade de eleger políticos para que eles representem os interesses russos.

Em 2013, a Rússia inicia uma guerra comercial com fins políticos, pois não deseja a aproximação da Ucrânia com a OTAN e a UE. Esse episódio também tem aderência com a

¹³ Assim como a Revolução Laranja, foi uma manifestação popular por democracia e transparência ocorrida na praça *Maidan* na capital ucraniana (YEKELCHYK, 2020).

¹⁴ Indivíduo que invade sistemas de computador para descaracterizar, substituir ou excluir dados para ganho pessoal ou reduzir o bem-estar econômico de um Estado através de ataques às suas infraestruturas críticas em rede (SCHELL; MARTIN, 2006).

teoria de guerra de informação, pois os russos se utilizam do poder econômico para influenciar o processo decisório da liderança ucraniana.

Nesse sentido, a ofensiva russa contra a Ucrânia, que resulta na dominação da Criméia, será abordada na próxima seção, por ser parte fundamental para a identificação de fatos que denotem aderência à teoria russa de guerra de informação.

3.2 OS INTERESSES RUSSOS E O PROCESSO DE ANEXAÇÃO DA CRIMÉIA

A intervenção russa na Ucrânia com a anexação da Península da Criméia, em 2014, decorre de uma combinação de motivações, medos e interesses. As preocupações pragmáticas da Rússia acerca da sua segurança devido à expansão da OTAN e da União Européia, o valor estratégico do Mar Negro, a necessidade da Rússia em manter expressiva influência em Estados periféricos para conter a expansão do Ocidente, e o desejo russo de fortalecer a União Econômica Eurasiana (UEE), contribuem para a decisão de anexar a Criméia. Além disso, quase uma década após o colapso da ex-URSS, é estabelecido um consenso entre a elite e o governo russos sobre a necessidade do reestabelecimento do poder da Rússia, portanto, a aproximação de uma ex-república soviética com o Ocidente representaria uma ameaça econômica e geopolítica concreta aos planos russos (UNITED STATES, 2015).

Nesse contexto, a saída do presidente Yanukovich, pró-russo, após as manifestações *Euromaidan*, faz com que a Rússia intensifique a disseminação de propaganda associando grupos pró-ocidente na Ucrânia ao fascismo e até mesmo ao nazismo (UNITED STATES, 2015). Ademais, agentes do serviço de inteligência russo efetuam acordos com

simpatizantes locais, inclusive com organizações criminosas, para facilitar o andamento das operações militares russas, assim que iniciadas (GALEOTTI, 2019).

No final de fevereiro de 2014, então, começam a surgir nas ruas de diversas cidades da Criméia, homens com uniformes sem identificação, com uma variedade de armas e equipamentos de alta tecnologia, e identificando-se como integrantes de uma força armada de autodefesa. Entretanto, apesar de a Rússia negar, acrescentando mais incerteza à situação, essa milícia é integrada por membros das forças especiais russas (spetsnaz), além de voluntários, policiais, veteranos etc. (GALEOTTI, 2019).

A primeira vez que esses homens são vistos, é na cidade de Simferopol, onde, em menos de dois dias, tomam os principais prédios governamentais, bloqueiam o acesso das tropas ucranianas nas proximidades de Sebastopol e estabelecem pontos de checagem nas estradas na Criméia. Alguns integrantes da milícia, que falam russo sem sotaque e usam armamento similar ao usado pelo exército russo, concedem entrevistas a jornalistas interessados em mais informações sobre eles, mas, surpreendentemente, todos alegam que estão na Criméia para proteger, ajudar e prevenir a violência (LANGE-IONATAMISVILI, 2014).

Com o avanço da ofensiva russa, progressivamente as forças ucranianas se rendem, desertam ou são derrotadas (GALEOTTI, 2019). Conscritos e oficiais das forças armadas ucranianas, que estão na Criméia, optam por não lutar e se unem às tropas russas (YEKELCHYK, 2020). O caso mais emblemático é o do Contra-Almirante Denis Berezovsky, oficial mais antigo da Marinha ucraniana na Criméia, que deserta para ser nomeado vice comandante da Esquadra Russa do Mar Negro (GALEOTTI, 2019).

Durante o avanço das forças especiais russas, a empresa de telecomunicações *Ukrtelecom* divulga que homens armados invadiram instalações de telecomunicações ucranianas na Criméia e adulteraram o cabeamento de fibra óptica para substituir os canais

de TV ucranianos por canais russos. Eles também realizaram o desligamento dos serviços de telefonia, primeiros socorros, bombeiros, policiais e sistemas de Internet na região, prejudicando a comunicação do governo ucraniano com a população na Península da Criméia, a capacidade de informá-la sobre o desdobramento da situação, dificultando a mobilização de tropas ucranianas nessa área, além de interromperem o funcionamento de aproximadamente setecentos telefones celulares de membros do governo ucraniano (ABBOTT, 2016).

Enquanto isso, com o início da campanha na Criméia, a Rússia intensifica a transmissão de conteúdo nacionalista e antiocidental. Na Rússia, a principal fonte de informação da população é a televisão, assim, existem três canais de televisão com maior audiência, dois pertencentes ao governo, *Channel One* e *Russia One*, e um, chamado NTV, pertencente a empresa estatal de energia Gazprom. Em alguns momentos, a programação televisiva anuncia que a intervenção militar na Criméia é necessária pois pessoas que falam russo estão sendo perseguidas e sua proteção é requerida. O *Channel One* chega a divulgar uma entrevista, desmentida pelo próprio canal tempos depois, na qual uma mulher afirma que soldados ucranianos crucificaram uma criança de três anos (ABBOTT, 2016).

Os russos também utilizam a *internet* para sua guerra de informação contra a Ucrânia por meio do emprego de *trolling*¹⁵ por profissionais, que difundem nas redes sociais e agências de notícia do Ocidente conteúdo controverso ou até mesmo falso. Esses profissionais são empregados para promover uma imagem positiva da Rússia, fomentar discussões, espalhar notícias falsas, tais como a presença de tropas da OTAN na Criméia, e, ainda, disseminar qualquer informação que auxilie a narrativa russa (ABBOTT, 2016).

¹⁵ Linguagem abusiva que ocorre em comunicações *online*. Também significa tentar inflamar intencionalmente alguém para provocar uma resposta raivosa, se não violenta. Prática que viola a etiqueta *online* (SCHELL; MARTIN, 2006).

Uma das redes sociais mais utilizadas para divulgação de conteúdo pró-Rússia é o *Twitter*¹⁶. Durante o conflito, a Rússia utiliza as contas do *Twitter* como meio de comunicação de massa para divulgar informações sobre a crise na Ucrânia. De forma resumida, os seguidores dessas contas usam as informações divulgadas como referência em novas publicações, ampliando o alcance da informação. Além disso, as contas do *Twitter* de figuras públicas, como atores, jornalistas e líderes da oposição, com elevado número de seguidores, também são utilizadas para divulgar informações e opiniões sobre o conflito. Outro artifício empregado, é a criação de contas falsas no *Twitter*, por um grupo de usuários que, inicialmente, disseminam a mesma mensagem, e em seguida, comentam as publicações uns dos outros, para aumentar artificialmente a visibilidade das informações que divulgam (LANGE-IONATAMISVILI, 2014).

Membros da elite ucraniana também contribuem para consolidar o domínio russo na Criméia, pois afirmam que a defesa da Península é impossível. Ademais, a falta de apoio popular pela permanência dos laços com a Ucrânia, bem como a apatia dos governantes locais que negligenciam o emprego das forças armadas contra os invasores, também contribuem para o sucesso da Rússia (YEKELCHYK, 2020).

Para atingir seus objetivos, a Rússia também utiliza a economia para pressionar e desestabilizar a situação na Ucrânia, que sofre consideráveis perdas econômicas como resultado das ofensivas russas, chegando a perder setenta por cento das suas exportações em virtude de sanções econômicas impostas pela Rússia. Há ainda a interrupção de fornecimento de gás natural para os ucranianos, pela empresa estatal russa Gazprom, com impacto também

¹⁶ Rede social que permite aos usuários enviar e receber mensagens de texto de até 140 caracteres chamadas "tweets". Após o processo de inscrição, os usuários podem postar seus *tweets*, usando um computador ou outro dispositivo compatível com o *Twitter*, e visualizar os *tweets* de outros usuários. Disponível em: <https://www.techopedia.com/definition/4957/twitter>. Acesso em: 07 jun. 2022.

sentido na UE, pois cerca de quarenta por cento do gás destinado ao bloco europeu passa pela Ucrânia. Nesse período, o produto interno bruto da Ucrânia reduziu dezesseis por cento, evidenciando a degradação do ambiente econômico nacional (ABBOTT, 2016).

O emprego bem coordenado das forças de operações especiais (milícia) com ações nos campos político, econômico e nos meios de comunicação de massa, resulta na declaração de independência da Criméia, feita por seu parlamento, bem como a solicitação de admissão na Federação Russa, cujo deferimento é formalizado pelo Tratado de Adesão, assinado no Kremlin, em 18 de março de 2014 (YEKELCHYK, 2020).

A substituição de canais de tv ucranianos por russos e a disseminação de informações pela *internet*, por parte dos russos, indicam que a guerra de informação é parte importante do planejamento para a anexação da Península da Criméia, pois ao obter o controle das informações que a opinião pública do próprio Estado russo e Península da Criméia têm acesso, a Rússia obtém condições de controlar a narrativa, principalmente, enquanto as ações no terreno são desenvolvidas, minimizando eventuais focos de resistência.

Nesse sentido, encerrada a contextualização e descrição do conflito, será abordada na próxima na seção eventuais pontos de aderência entre a teoria defendida por Igor Panarin e os eventos que contribuíram para a anexação da Península da Criméia.

3.3 A INFLUÊNCIA DA GUERRA DE INFORMAÇÃO E OS PONTOS DE ADERÊNCIA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Ao analisar a anexação da Península da Criméia pela Rússia, concretizada em 2014, é possível identificar que a guerra de informação contribuiu significativamente para tal

conquista. Assim, nesta seção, certos elementos apresentados no capítulo sobre a teoria difundida por Panarin serão confrontados com os eventos relacionados à anexação citada e seu contexto histórico, a fim de confirmar ou negar a questão que deu origem ao presente trabalho.

Ao examinar o contexto histórico e o conflito russo-ucraniano, é possível identificar que antes mesmo do surgimento das forças de operações especiais russas na Criméia, o Estado russo inicia, em 2013, uma guerra comercial com o intuito de degradar a economia da Ucrânia, comprometer a sua capacidade de reação a um conflito iminente e pressionar as lideranças políticas para atenderem às demandas russas quanto a não aproximação da Ucrânia com a União Européia e OTAN. Esse acontecimento possui alguns pontos de aderência em relação à teoria defendida por Panarin, que afirma que a guerra de informação pode ser organizada por um Estado, nesse caso a Rússia, que ela deve influenciar o processo decisório alheio, representada pela tentativa de afastar a Ucrânia da UE e OTAN, e envolver todas as expressões do poder nacional. Nesse contexto, a guerra comercial, que resulta na redução das exportações ucranianas, entre outros, representa o emprego da expressão econômica do poder nacional russo.

Outro acontecimento que reforça a afirmativa de emprego da expressão econômica, é a interrupção no fornecimento de gás à Ucrânia, que compromete a capacidade Estatal de manter empresas e indústrias funcionando apropriadamente, além de prejudicar a população, caracterizando nova tentativa de fragilizar ainda mais a economia ucraniana, dessa vez, afetando sua segurança energética.

Em relação ao sufrágio universal, é importante destacar que a fraude das eleições ucranianas em 2004, coaduna com as ideias defendidas pelo teórico russo, pois, na seção referente à teoria de guerra de informação, o sufrágio universal é citado como um dos

mecanismos de condução da guerra de informação. Ademais, há menção explícita sobre a possibilidade de interferir nas eleições de outros Estados para eleger políticos que representem os interesses da Rússia.

As entrevistas concedidas pelos milicianos, compostas por forças de operações especiais russas, a substituição de canais de tv ucranianos por canais russos, a intensificação de propaganda com conteúdo nacionalista e antiocidental, bem como a disseminação de informações pela *internet*, incluindo redes sociais, por parte dos russos, caracterizam a tentativa do governo de moldar a opinião pública interna e externa em relação à Rússia, por meio da manipulação e divulgação de conteúdo favorável aos seus interesses, nos meios de comunicação de massa, de forma análoga à defendida pelo teórico russo. Ademais, no capítulo referente à teoria de guerra de informação, Panarin destaca os mecanismos de condução da guerra de informação, dentre eles, os meios de reprogramação da população (mídia de massa), assim é possível afirmar que o uso dos meios de comunicação de massa (mídia de massa) para divulgar informações do seu interesse, caracterizou o emprego daquele mecanismo pela Rússia.

Sobre a mídia, Panarin define quatro funções principais, sendo duas delas, a formação da opinião pública e a difusão da cultura, passíveis de identificação durante a anexação da Criméia. A substituição de canais de tv ucranianos por russos denota o emprego simultâneo das referidas funções da mídia, pois além de divulgar o conteúdo favorável aos interesses russos, visando a formação da opinião pública, também dissemina o idioma, os costumes, a indumentária e as normas de comportamento, inevitavelmente presentes na programação televisiva, divulgando a cultura russa para os ucranianos.

Quanto à disseminação de informação nas redes sociais, cabe destacar a atuação russa no *Twitter*, que, ao empregar perfis de figuras públicas com muitos seguidores, para

divulgar informações e opiniões favoráveis a atuação da Rússia na Criméia, caracteriza o modelo aberto de manipulação da opinião pública descrito por Panarin, definido como aquele que o comunicador se declara abertamente adepto ao ponto de vista apresentado.

O estudo da anexação da Criméia evidencia que a execução da guerra de informação contra a Ucrânia é centrada na atuação do Estado russo, principalmente, por meio de propaganda nos meios de comunicação de massa, tais como canais de televisão e redes sociais. Assim, a atuação russa coaduna com a definição de guerra de informação constante na seção sobre a perspectiva teórica russa, caracterizando mais um ponto de aderência entre a teoria e os eventos que conduzem à anexação da Península da Criméia.

Durante os eventos que resultam na anexação da Península, há a colaboração de parcela da elite, do governo e de militares ucranianos com a Rússia, o que denota a atuação exitosa das expressões política e diplomática do poder nacional russo. Na ocasião, além da deserção de ucranianos, há até a incorporação de um oficial general da Marinha da Ucrânia na Marinha da Rússia, situação que indica o envolvimento e anuência das lideranças políticas russas.

Nos momentos iniciais da invasão militar da Criméia, o fato de a milícia não usar uniforme com identificação compromete a tomada de decisão das autoridades ucranianas, pelo desconhecimento da origem e das reais intenções desses grupos armados, cujo discurso, além de pacífico, conta com apoio de parcela da população local. O atraso na tomada de decisão limita o emprego das forças armadas ucranianas contra a invasão russa, sendo uma das justificativas para o rápido avanço miliciano em território ucraniano. Nesse contexto, há um novo ponto de aderência entre a teoria de guerra de informação descrita neste trabalho e os acontecimentos na Criméia, já que o teórico russo defende que é necessário manipular o processo de tomada de decisão do inimigo. Assim, a Rússia ao negar à Ucrânia o conhecimento

sobre a origem e as reais intenções das milícias armadas na Criméia, compromete, mesmo que temporariamente, a tomada de decisão dos ucranianos, logo, empregou com êxito o proposto pelo teórico russo.

A diversidade de ações envolvendo o uso da informação por parte dos russos indicam que a guerra de informação é parte importante do planejamento e da execução da anexação da Península da Criméia. Dessa forma, no próximo capítulo, serão abordadas as considerações finais sobre o conflito em questão e a teoria de guerra de informação sob a perspectiva russa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito do presente trabalho é identificar pontos de aderência entre a teoria do russo Igor Nikolaevich Panarin sobre guerra de informação e os acontecimentos que resultaram na anexação da Península da Criméia, pela Rússia, entre 2013 e 2014.

Para atingir o citado propósito, foi realizada uma pesquisa, primeiramente, a partir do livro “Primeira Guerra Mundial de Informação. O colapso da URSS”, de autoria do russo Igor Nikolaevich Panarin, no qual o autor relata que a Estado russo teria sido vítima de uma grande guerra de informação praticada pelo Ocidente, em especial pelos EUA, cujo êxito se manifesta na dissolução da ex-URSS, apresentando, ainda, os conceitos referentes à guerra de informação sob a perspectiva russa.

As divergências entre a perspectiva russa e ocidental também foram parte da pesquisa e ajudaram na compreensão da teoria e dos termos normalmente empregados sobre a guerra de informação.

Além disso, a anexação da Criméia foi analisada usando o contexto histórico e as ações em território ucraniano perpetradas pela Rússia, assim, a partir desse momento, foi possível avançar ainda mais na direção do propósito deste trabalho e realizar o confronto entre a teoria e os acontecimentos que contribuíram para a referida anexação.

Nesse contexto, foram identificados pontos de aderência entre a teoria e a prática, ou seja, entre a teoria de Igor Nikolaevich Panarin sobre guerra de informação e as ações que resultaram na anexação da Criméia, portanto, pode-se afirmar que o propósito deste trabalho foi atingido.

Com efeito, a partir da teoria preconizada por Panarin, é possível perceber que o Estado russo se utilizou de todas as expressões do poder nacional para perpetrar uma guerra de informação contra a Ucrânia.

A expressão econômica foi empregada antes mesmo da anexação da Península, ainda no ano de 2013, quando a Rússia impôs sanções econômicas e interrompeu o fornecimento de gás natural para os ucranianos, com o intuito de pressionar as lideranças ucranianas e fragilizar a economia local. Já as expressões política e diplomática foram empregadas ao cooptar o apoio da elite, do governo e de militares, presentes na Criméia, chegando ao ponto de incorporar oficiais à Marinha Russa. Por último, a manifestação da expressão militar do poder nacional da Rússia surgiu nas ações em território ucraniano executadas pela milícia formada, principalmente, por forças especiais russas, descaracterizadas, que rapidamente dominaram os principais prédios governamentais, bloquearam o acesso das tropas ucranianas nas proximidades de Sebastopol e estabeleceram pontos de checagem nas estradas na Criméia.

Dessa forma, o emprego coordenado de todas as expressões do poder nacional foi fundamental para a rápida evolução das forças especiais russas e o consequente domínio da região, pois prejudicou a economia local e facilitou a cooptação de apoiadores ucranianos. Além disso, viabilizou o rápido progresso das forças especiais russas (milícia), na medida em que o desconhecimento sobre sua real origem e intenções, aliado ao apoio da população local, acabou por comprometer a tomada de decisão dos ucranianos.

Em relação a tomada de decisão, ainda é possível ressaltar que na teoria de guerra de informação do século XX, ela passa a ser o principal alvo da guerra de informação. Assim, acrescenta-se que o episódio em que as forças especiais russas substituíram os canais de TV ucranianos por canais russos, interromperam o sistema de telefonia e internet, prejudicando

a comunicação com as tropas ucranianas e a população na Península da Criméia, também contribuiu para o comprometimento da tomada de decisão pelas autoridades ucranianas. Portanto, houve uma coordenação de ações envolvendo elementos militares e não militares, difíceis de se conectar de imediato, mas que, ao se analisar de forma mais atenta, é possível perceber que o sucesso de cada uma delas contribuiu para um mesmo objetivo, qual seja, o comprometimento da tomada de decisão ucraniano.

Outro fato que se pode destacar foi a fraude no processo eleitoral da Ucrânia, no ano de 2004, em uma clara tentativa russa de eleger um presidente que representasse seus interesses. Esse episódio, além de ter aderência com a teoria de guerra de informação de Panarin, pode ser entendido como uma forma de se obter o controle indireto do Estado ucraniano. Ademais, se o candidato Viktor Yanukovych, pró-Rússia, fosse eleito à época, sem que a fraude fosse descoberta, ele representaria a escolha do povo ucraniano, de forma que eventuais decisões pró-Rússia, mesmo que impopulares, teriam legitimidade.

Em relação à intenção de eleger um presidente na Ucrânia para representar seus interesses, é possível afirmar que, além da Rússia, essa prática também foi adotada pelos EUA, pois as eleições na Ucrânia, à época, ficaram centradas em dois candidatos: Viktor Yushchenko, pró-ocidente, e Viktor Yanukovych, pró-Rússia. Assim, houve a tentativa dos EUA em eleger, sem fraude, um presidente que representasse os interesses do Ocidente. Apesar de ilegal em muitos Estados, a interferência estrangeira nas eleições é um meio pragmático, econômico e com baixo potencial de desgaste com a opinião pública interna, pois não exige explicações sobre gastos militares, perda de vidas etc.

Ao analisar a anexação da Criméia, foi possível perceber que a busca pela legitimidade foi importante para os russos, pois eles tentaram tornar os ucranianos e Ocidente dignos de enfrentamento, principalmente, quando intensificaram a propaganda antiocidental,

associando, por exemplo, grupos pró-ocidente na Ucrânia ao fascismo e até mesmo ao nazismo, bem como quando disseminaram informações falsas, durante uma entrevista no *Channel One*, sobre soldados ucranianos praticando atrocidades.

A perspectiva teórica de Panarin está centrada na influência da opinião pública com o auxílio dos meios comunicação de massa. As entrevistas concedidas pelos milicianos, cujos discursos eram muito semelhantes, a substituição de canais de tv ucranianos por canais estatais russos, a intensificação de propaganda com conteúdo antiocidental e nacionalista (russo) e a disseminação de informações pela internet, inclusive redes sociais (*Twitter*), corroboram com a ênfase dos russos na formação da opinião pública com o auxílio dos meios comunicação de massa. Portanto, na medida em que a milícia que efetivamente anexou a Criméia teve apoio de parcela da população local, é possível afirmar que o êxito russo foi resultado do processo de formação da opinião pública.

Todas essas iniciativas também foram voltadas para a formação da opinião pública, seja russa, ucraniana e até mesmo estrangeira, especialmente, em virtude das redes sociais. Ademais, quando conectamos as ações que visavam influenciar a opinião pública com aquelas que prejudicaram as comunicações com a população na Península da Criméia (interrupção do sistema de telefonia e internet), pode-se concluir que a Rússia pretendia ser a principal, se não a única, fonte de informação para população local, pois praticamente isolou a Criméia de outras fontes de informação.

A guerra de informação teve papel de destaque na anexação da Península da Criméia, pois ajudou a moldar a opinião pública interna e externa à Rússia, reduziu a capacidade ucraniana de resistência na região da Península da Criméia, impactou a tomada de decisão ucraniana, bem como manteve o controle da narrativa enquanto as ações no terreno eram desenvolvidas. No entanto, apesar da significativa contribuição, a guerra de

informação sozinha não seria suficiente para concretizar a anexação, assim o emprego da milícia armada na Criméia, principalmente, para dominar prédios do governo e bloquear estradas, foi indispensável.

Outro acontecimento relevante, foi a devolução do arsenal nuclear à ex-URSS, em 1994, que representou um dos maiores erros cometidos pela Ucrânia, após sua independência, pois o Estado renunciou ao maior recurso dissuasório que dispunha, cuja posse certamente garantiria a almejada soberania territorial. Em 2014, se o Estado ucraniano ainda tivesse a posse do terceiro maior arsenal nuclear do mundo, em condições de uso, provavelmente, seria mais difícil para a Rússia anexar a Criméia, devido ao risco de uma guerra nuclear.

Por fim, é possível concluir que a guerra de informação conduzida pela Rússia teve considerável influência no êxito na usurpação de parte do território ucraniano, pois introduziu uma série de transformações na Criméia, de forma organizada, difusa e coordenada, com o intuito de facilitar o emprego das suas forças especiais na efetiva anexação da Península. Além disso, foi possível identificar pontos de aderência entre a teoria de guerra de informação defendida por Igor Nikolaevich Panarin e os acontecimentos que resultaram na anexação da Península da Criméia em 2014, atingindo, como já afirmado, o propósito deste trabalho. Face ao exposto, sugere-se que outros livros do teórico sejam examinados com o intuito de identificar evoluções teóricas, assim como outros pontos de aderência.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, Katie. **Understanding and countering hybrid warfare**: next steps for the North Atlantic treaty organization. Ottawa: University of Ottawa, March 2016. 47 p. Disponível em: <https://ruor.uottawa.ca/bitstream/10393/34813/1/ABBOTT%2C%20Kathleen%2020161.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

ALLEN, Robert. **The dioxin war**: truth and lies about a perfect poison. Londres: Pluto Press, 2004. 208 p.

ANDERSON, Andrew D. **The sources of russian information warfare**. 2018. 103 f. Thesis (Graduation in Advanced Air and Space Studies) - The Faculty of the School of Advanced Air and Space Studies, Air University, Maxwell Air Force Base, Alabama, 2018. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/AD1098323.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.

APPLEBAUM, Anne. **Red famine Stalin's war on Ukraine**. New York: Penguin Books Ltd, 2017. Disponível em: <https://willzuzak.ca/cl/bookreview/Applebaum2017RedFamine.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2022.

CODE of practice on disinformation. **European Commission**, Bruxelas, 2018. Disponível em: <https://digital-strategy.ec.europa.eu/en/policies/code-practice-disinformation>. Acesso em: 03 jun. 2022.

DARCZEWSKA, Jolanta. **The anatomy of russian information warfare**: the crime an operation, a case study. Varsóvia: Ośrodek Studiów Wschodnich, 2014. (Point of View, 42). Disponível em: https://www.osw.waw.pl/sites/default/files/the_anatomy_of_russian_information_warfare.pdf. Acesso em: 06 abr. 2022.

FRANÇA, Júnia Lessa *et al.* **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

GALEOTTI, Mark. **Armies of Russia's war in Ukraine**. Oxford: Osprey Publishing, 2019. 64 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/5961001/7f2cc7>. Acesso em: 25 maio 2022.

KUEHL, Dan. **Information operations**: the hard reality of soft power. Washington, DC: The National Defense University Information Resources Management College, 2004. Disponível em: <https://web.stanford.edu/class/msande91si/www-spr04/readings/week5/io-textbook.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

LANGE-IONATAMISVILI, Elina. **Analysis of Russia's information campaign against Ukraine**. Riga: NATO Strategic Communications Centre of Excellence, 2014. 40 p. Disponível em: https://stratcomcoe.org/cuploads/pfiles/russian_information_campaign_public_12012016fin.pdf. Acesso em: 25 maio 2022.

PANARIN, Igor. **Первая мировая информационная война. Развал СССР**. São Petersburgo: Peter, 2010. Disponível em: <https://www.klex.ru/9ga>. Acesso em: 20 mar. 2022.

PLOKHY, Serhii. **The gates of Europe**: a history of Ukraine. New York: Basic Books, 2015, p. 299-365.

SHELL, Bernadette; MARTIN, Clemens. **Webster's new world hacker dictionary**. Indianapolis: Wiley Publishing, 2006. 419 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/491069/37feb9?dsourc=recommend>. Acesso em: 03 jun. 2022.

THOMAS, Timothy. **Dialectical versus empirical thinking**: ten key elements of the russian understanding of information operations. Kansas: Foreign Military Studies Office, 1998. Disponível em: https://ia903107.us.archive.org/29/items/DTIC_ADA434981/DTIC_ADA434981.pdf. Acesso em: 31 mar. 2022.

UNITED STATES. **Little green men**: a primer on modern russian unconventional warfare, Ukraine 2013-2014. Fort Bragg, North Carolina, EUA: United States Army Special Operations Command, 2015. 78 p. Disponível em: https://www.soc.mil/ARIS/books/pdf/14-02984_LittleGreenMen-UNCLASS-hi-res.pdf. Acesso em: 06 abr. 2022.

WELLS, Herbert. **A guerra dos mundos**. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2016. Original publicado em 1898.

YEKELCHYK, Serhy. **Ukraine**: what everyone needs to know. 2. nd. Nova York: Oxford University Press, 2020. 240 p.